

CELEBRAÇÕES A SAPHO MUSA DS ILHÉIIS

(CENTENÁRIO 1924-2024)

Aleilton Fonseca
Anarleide Menezes
Efson Lima
Luh Oliveira
Ramayana Vargens
(ORGANIZADORES)

Ibicaraí / Bahia, 2024



Copyright © 2024, Aleilton Fonseca, et al (Org.)

Todos direitos desta edição reservados à

VIA LITTERARUM EDITORA

Rua Frederico Maron, 299 – Térreo – Centro

Ibicaraí – Bahia, Brasil – 45745-000

CNPJ: 06.268.459/0001-57

vialetras@gmail.com | www.viaeditora.com.br

Revisão

Aleilton Fonseca

Diagramação e Capa:

Elimarcos Santana

Foto da capa

Aleilton Fonseca

Escultura

Pasquale de Chirico

Local: Praça J. J. Seabra - Centro - Ilhéus, Bahia

Logomarca 500 anos

João Ricardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Celebrações e Sapho, a musa de Ilhéus
(Centenário 1924-2024) / organizadores Aleilton
Fonseca...[et al]. -- Ibicaraí, BA : Via
Litterarum, 2024.

Vários autores..

Outros organizadores: Anarleide Menezes, Efsen
Lima, Luh Oliveira, Ramayana Vargens.

ISBN 978-85-8151-267-9

1. Estátuas - Ilhéus (BA) - História 2. Poesia
brasileira 3. Safo - Crítica e interpretação
I. Fonseca, Aleilton. II. Menezes, Anarleide.
III. Lima, Efsen. IV. Oliveira, Luh. V. Vargens,
Ramayana.

25-250446

CDD-809

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura e cultura 809

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

■ SAPHO, GLÓRIA LITERÁRIA E JUSTIÇA

Antonio Sá da Silva

Es interesante registrar que, en una época en que todos tienen por destino último el Hades sombrío [...], ha surgido, para compensar essa perspectiva de aniquilamiento total, la noción de que hay algo en el hombre que puede triunfar del tempo: la gloria de morir luchando por la patria [...] o la de cantar o ser cantado en verso [...]. Ésta es, finalmente, una forma de inmortalidad, la que consiste en no caer en el olvido permaneciendo en la memoria de los hombres.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Fragilidade y poder del hombre em la poesia griega arcaica. *Estudios Clásicos*, Murcia, n. 49, 1966, p. 318.

1 Introdução

Santo Isidoro de Sevilha (V-VI d.C), na sua *Etimologias*¹, define poesia como uma criação humana na forma de linguagem, sob agitação intensa do espírito e harmonização da palavra com o ritmo; de acordo com ele, a origem da criação literária, na tradição ocidental, está ligada a fatores tanto espirituais como sociais: já na idade primitiva dos gregos, quando mesmo que de forma embrionária vêm à lume as primeiras organizações da vida social, a redução da ferocidade humana

¹ SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologias*. Tradução D. Luis Cortés Góngora. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLI, livro VIII, capítulo VII.

era o que movia seus atores nesse empreendimento. Mais ainda, podemos dizer que esse abrandamento do espírito se tornou possível, apenas, quando tais indivíduos tomaram consciência de que existiam outros à sua volta e os deuses acima deles todos². O arrebatamento, algo intrínseco da poesia como diz o gramático latino, decorre do fato de que tais humanos se deram conta da necessidade de uma linguagem augusta, que se prestasse ao culto e às honras; deste modo é que chamaram de *poiotes* essa forma peculiar de se expressar magnificamente, associada diretamente à “força do engenho criativo humano” (*vi mentis*) e à “capacidade humana de modular versos” (*viendis carminibus*), tendo chamado os que eram dotados dessa virtude de *vates* e seus versos de *vaticínios*.

Como vimos acima o ofício do poeta, recorrendo outra vez à sofisticada e original reconstituição daquele doutor da Igreja, nem era a criação ficcionada, mas o de representar coisas que realmente aconteceram em linguagem figurada e bela, qualquer que fosse a predileção estética do compositor³. A própria poesia arcaica já conhecia diferentes gêneros de expressão, entre eles o lírico e do qual Sapho (VII-VI a.C) é considerada uma expressiva representante: de fato a poetisa, natural de Lesbos, não apenas se destacou como instrumentista⁴, tendo também composto versos que se caracterizam pela simplicidade e musicalidade, razão pela qual foi bastante lida na antiguidade clássica⁵, influenciou outras mulheres

² SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías*, cit., livro VIII, capítulo VII.

³ Observar que o autor não faz qualquer referência à ficção enquanto investiga a origem do sentido da poesia, nem mesmo em outro lugar (Op. cit., livro I, capítulo XXXIX) onde distingue poesia, obra de muitos livros, de poema, obra de um único livro.

⁴ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da cultura clássica: cultura grega*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, v. I, p. 535.

⁵ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*. Tradução Manuel Rosa. Lisboa:

e foi citada, dentre outros, nada menos que por Heródoto e por Aristóteles; entretanto, sendo incontroverso o valor estético da sua criação, pode-se colocar aqui a questão de terem eles, também, alguma coisa de relevante para dizer sobre a concepção de justiça dos gregos nesse período, quando a questão filosófico-política não aventava qualquer forma de sistematização e os poetas eram as únicas testemunhas a quem podemos reportar⁶.

Esta modesta contribuição ao culto do centenário da escultura de Sapho na queridíssima cidade de Ilhéus, cujo pedido que me foi dirigido pelo amigo Efsen Lima, imortal da Academia de Letras de São Jorge dos Ilhéus, não tive como declinar, não pretende aprofundar nessas discussões; contentar-me-ei, somente, em tentar uma articulação de fragmentos de sua obra que chegaram até nós com a controvertida discussão, no âmbito da não menos discutível aproximação entre a Literatura e a Filosofia, acerca de um diálogo proveitoso dos juristas com os poetas. Noutro lugar⁷ enfrentei com um relativo aprofundamento este assunto, mas numa síntese necessária, diria aqui que após a crise da teoria da interpretação jurídica no período pós-guerras e que levou ao enfraquecimento daquele paradigma normativista que emergiu no séc. XIX com a Escola da Exegese e a Jurisprudência dos Conceitos, foram feitas várias tentativas

Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 165.

⁶ Uma importante discussão sobre o papel da literatura na fundação do pensamento grego pode ser vista em NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Tradução Ana Aguiar Cotrim. São Paulo: Martins Fontes, 2009, cap. 1.

⁷ SILVA, Antonio Sá da. *Teoria e prática em Direito e Literatura*. Salvador: EDUFBA, 2023, especialmente o alongado prefácio, intitulado “O que os juristas estão conversando com os poetas?” e onde ensaiamos um breve histórico do Movimento Direito e Literatura, mas especialmente enfrentamos os limites e possibilidades dessa tentativa de comparar a interpretação jurídica com a interpretação literária.

de reabilitação do pensamento prático aristotélico, entre eles a tópico-retórica (Viehweg e Perelman), a nova hermenêutica (Gadamer), as teorias da argumentação (Toulmin, MacCormick, Atienza) e a racionalidade narrativa (Dworkin, Boyd White, Nussbaum), sendo esta última o terreno de discussão onde este nosso ensaio deverá ser enquadrado.

Sendo este o propósito, no tópico seguinte tentarei reunir alguns poemas e respectivas discussões a respeito, com o objetivo de identificar a poetisa lésbica no cosmo lírico dos helenos; na sequência e em homenagem à ocasião destes estudos sobre Sapho, darei atenção a versos seus sobre a glória literária, uma questão muito presente na obra e que tem toda importância no debate sobre a influência da poesia na constituição da comunidade política, na invenção da intriga judicial, na performance profissional, etc; depois disto, discorrerei sobre o papel de Sapho na construção da sociedade lésbica, talvez mais que isto, sobre o papel social dos poetas na Grécia antiga; tudo isto para ao fim, de modo mais direto, tentar dizer algo sobre o testemunho deles sobre a forma como o contexto social e ético-religioso da autora, Homero, Hesíodo, etc., compreendia a justiça e as suas exigências humano-sociais.

2 Uma poetisa de sentimentos exaltados e comprometida com a vida social e as belezas de sua terra

Os versos de Sapho trazem consigo as marcas da paixão, sendo ela, com frequência, apontada como uma autora de sentimentos exaltados e avassaladores⁸; exemplo disto é a composição dedicada a Fáon, o jovem a quem os classicistas atribuíam virtudes míticas e por quem a poetisa disputava o amor com ninguém menos que Afrodite⁹:

⁸ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da cultura clássica: cultura grega*, cit., p. 204; LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 170.

⁹ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 167.

ó mãe querida, não consigo mais tecer a trama:
queimo de amor por um moço, e a culpa é da lânguida
Aphrodite¹⁰

O que ecoa nos versos de sua lavra, como disse Lesky,
“é a voz duma mulher que ama”¹¹; ela própria consagra-se às
Musas:

vinde, agora, delicadas Graças, e vós, Musas de lindas tranças
Graças divinas de róseos braços, vinde, ó filhas de Zeus
com o dom de suas obras, honraram-me [as Musas]¹²

Mas não é só isto, pois sua poesia, talvez em sua maior parte
como lembra o helenista citado, dedica-se ao próprio mundo
que a circunda: a paisagem, as rivalidades sociais, as intrigas políticas,
etc.; o *corpus* lírico de Sapho tinha por conteúdo a sua vida,
como se vê dos seus elogios à musa, à noite enlutarada, às flores,
ao mar, etc.¹³; confirmam-no os versos abaixo:

Há um murmúrio de águas frescas, através
dos ramos das macieiras, as rosas ensombram
todo o solo, e das folhas trémulas
escorre o sonho¹⁴.

As estrelas, em volta da formosa Lua,
de novo ocultam a sua vista esplendente,

¹⁰ SAFO DE LESBOS. *Poemas e fragmentos*. Tradução Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 123.

¹¹ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 170.

¹² SAFO DE LESBOS. *Poemas e fragmentos*, cit., p. 117.

¹³ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 169 e segs.

¹⁴ SAFO. Frg. 55 Lobel-Page. In: PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Helade: antologia da cultura grega*. 7. ed. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990, p. 115.

quando a lua cheia brilha mais, argêntea,
sobre toda a terra¹⁵.

Mesmo o amor humano que emana de sua lira ressoa em
outros objetos amados, como a própria filha:

eu tenho uma linda menina; com douradas flores
ela se parece: minha Kleís, meu bem-querer –
nem pelo reino da Lídia inteiro, nem pela adorada
[Lesbos] eu a trocaria¹⁶

O amor fraternal e nada recíproco que ela manifestava
pelo irmão mereceu de Heródoto um tópico específico, o qual
numa de nas suas clássicas *Histórias*, narra a desventura de Cá-
rax¹⁷: dedicando-se à atividade mercante, transportava vinhos
de Lesbos para Náucratis, uma promissora cidade situada no
delta do Nilo e também conhecida pelas suas habilidosas cor-
tesãs, sendo certo que o rapaz apaixonou-se por uma delas,
Rodopis, fato que o levou à ruína financeira e fez com o que
precisasse recorrer ao auxílio da irmã. Por estas e outras que
há quem veja nos poemas de Sapho uma exaltação desmedida
às paixões, transformando-se por isto num exemplo de pessoa
que levaria Platão, no séc. V a.C, a iniciar uma querela entre
poetas e filósofos:

A concepção que os antigos tinham do amor como um po-
der irracional que acomete o homem como uma doença,
encontrou a sua expressão acabada nos versos de Safo¹⁸.

¹⁵ SAFO. Frg. 55 Lobel-Page, cit., p. 115.

¹⁶ SAFO DE LESBOS. *Poemas e fragmentos*, cit., p. 115.

¹⁷ HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução Arturo Ramírez Trejo. México: Univer-
sidad Nacional Autónoma de México, 1976, tomo II, 35.

¹⁸ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 171.

Com efeito, a desavença de Platão com os poetas é de todo conhecida, sendo estes ridicularizados e, no limite, expulsos da cidade ideal concebida por aquele filósofo¹⁹; sem os pormenores que aqui será necessário prescindir, o autor da *República* submete a educação (παιδεία, *paideia*) oferecida pelos seus rivais ao escrutínio da razão intelectual²⁰; a conclusão a que chega é que o método da poesia, por supostamente desprestigiar o que há de bom no humano que é a razão (λόγος, *logos*) e exaltar o que há de mais vergonhoso que é as paixões (πάθος, *pathos*), era inadequado para uma cidade justa e feliz; poderíamos dizer, nesse sentido, que nada mais detestável seriam estes versos de Sapho:

[Eros]
vindo do céu, num manto de púrpura envolto
como o vento que se abate sobre os carvalhos na montanha
[Eros me trespassa]
] de novo, Eros me arrebatava,
ele, que põe quebrantos no corpo,
dociamaro, invencível serpente
] ó Atthis, tu me detestas até na lembrança:
e para os braços de Andromeda voas [²¹

Deste modo, para a doutrina das ideias de Platão, uma poetisa em quem até alguns comediantes do teatro clássico colariam o rótulo de pessoa imoral por conta de algumas composições²², não seria uma referência segura para instruir os jovens gregos na arte da legislação, da atividade dos tribunais, na direção dos negócios públicos, etc.; tal prerrogativa foi confiada

¹⁹ PLATÃO. *A República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 398a-b.

²⁰ PLATÃO. *A República*, cit., livro X, especialmente 602b-603b.

²¹ SAFO DE LESBOS. *Poemas e fragmentos*, cit., p. 51.

²² LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 173.

ao rei-filósofo, como se sabe, aquele que submetido ao teste da oposição entre mundo sensível e mundo inteligível, conserva sua autossuficiente intelectual em relação às coisas do mundo; este é o principal motivo, de acordo com Nussbaum, para que o modelo de racionalidade prática que é intrínseco na poesia não fosse considerado, pelo filósofo grego, sequer um modelo racional de vida pública²³.

A hostilidade de Platão, entretanto, admite controvérsias, pois o próprio Aristóteles recorreria aos versos de Sapho não para desqualificá-los, mas ao contrário: ele aponta uma resposta da poetisa ao concidadão Alceu, quando este diz a ela ter algo a lhe dizer e do qual se envergonhava, como uma resposta exemplar diante de situações vergonhosas em que o agente moral se encontra²⁴; o Estagirita, diferentemente de seu mestre, guardou a devida proporção ao rivalizar com os poetas, colegas de academia que mereceram dele o respeito necessário²⁵. Importa neste trabalho, com a brevidade necessária, ressaltar que a viragem intelectual de Platão na educação ocidental não é nada desprezível, mas possivelmente significou em seu tempo algo empobrecedor, especialmente porque ninguém ambicionava uma vida boa desenraizada do contexto ético-comunitário onde o humano se situa.

Não parece excessivo ressaltar que o contexto grego onde Sapho se situa não diferencia claramente matéria e espírito, ao contrário, veem o mundo físico impregnado pela razão (λόγος,

²³ Ver quanto a isto sobretudo NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade*, cit., capítulo 2 e interlúdio I.

²⁴ ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior *et alii*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998, 1367a.

²⁵ Sobre esse esforço de Aristóteles para conciliar os extremos da soberba intelectual de Platão com a frequente resignação dos poetas em face da arbitrariedade da Fortuna, ver NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade*, cit., p. 207 e segs.

logos), imanente de uma ordem que dirige o mundo e tudo que está dentro dele (*kósmos*, *kosmos*); esse cosmo, aliás e de acordo com Pereira²⁶, é um todo ordenado que envolve céu, terra, honra e Estado; por isto mesmo que um filósofo pré-socrático, Anaximandro, antes que essa continuidade entre ordem humana e cosmológica fosse rompida, definia a justiça como um sistema de compensação, encontrando a exemplificação primeira não na experiência humana, mas no devir das coisas mesmas, quando compensam umas às outras pela violação da lei que preside o universo, recompensas essas que garantem a criação de algo novo a partir do que foi destruído²⁷.

A discussão sobre o cosmo e sobre a razão, não obstante Platão ter sido decisivo para o seu progresso, teve início como disse Pereira em momento muito recuado e intelectualmente mais adverso que o dele²⁸, antes mesmo da efervescência desta discussão com os jônicos; os poetas foram, antes de todos, os que confrontaram a experiência humana com a totalidade da existência, de modo que todas as questões caras aos gregos foram de algum modo intuídas já na sua idade arcaica; não seria diferente acerca da lei, da comunidade política e da justiça, como mais à frente nos deteremos melhor. Deste modo é que a Cidade (*πόλις*, *polis*) enquanto tal, assimila desde cedo os valores mais elevados

- ²⁶ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da cultura clássica: cultura grega*, cit., p. 216 e segs. Importante notar que para Jaeger a comunidade jurídico-política das coisas é a fonte inspiradora a partir da qual o termo terá sido lapidado (JAEGER, Werner W. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 139).
- ²⁷ ANAXIMANDRO. Frg. 1 Diels. In: PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Helade: antologia da cultura grega*. 7. ed. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990, p. 126.
- ²⁸ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da cultura clássica: cultura grega*, cit., p. 221 e segs.

da existência humana e a concepção do mundo prático que temos aí requer um *continuum* de obrigações, só podendo ser compreendida como disse Jaeger pela sua “trindade política”: numa convergência de propósitos do sábio, do poeta e do legislador²⁹. Voltaremos a isto depois de tratarmos de outras questões importantes para uma melhor compreensão.

3 Fragilidade humana e glória literária

Discute-se, entre os especialistas, se os helênicos eram ou não pessimistas em relação à vida que levavam, pois do que deles se sabe, sobretudo pelo testemunho dos poetas, acreditavam que a vida humana era de todo fugaz³⁰; a própria ideia de imortalidade da alma, como lembra Pereira, era desconhecida antes de Platão: sequer os deuses eram imortais para eles, gozando por certo de bem-aventuranças, mas limitadas a uma vida longa³¹. Essa vulnerabilidade e consequente preocupação, generalizada no imaginário dos gregos, decorre da crença de que os projetos humanos são fixados em decreto quando nascemos, de tal modo que a felicidade ou o fracasso de nossas vidas depende menos dos esforços que fazemos que do quinhão que cada um apanha na roda da Fortuna (μοῖρα, *moira*)³²; no imaginário comum daquele povo o Destino é assim o árbitro supremo que governa nossas vidas.

²⁹ JAEGER, Werner W. *Paidéia*, cit., p. 12 e segs.

³⁰ SILVA, Antonio Sá da. *Destino, humilhação e direito: a reinvenção narrativa da comunidade*. Tese (Doutorado em Ciências Jurídico-Filosóficas) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016, v. II, p. 329 e segs.

³¹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Fragilidad y poder del hombre em la poesia griega arcaica. *Estudios Clásicos*, Murcia, n. 49, p. 301-318, 1966, p. 302 e segs.

³² PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Fragilidad y poder del hombre em la poesia griega arcaica, cit., p. 177.

Deste modo, seja na vida do lar, seja ainda no espaço público, nada subtrai à predestinação e incerteza quanto ao que pode nos ocorrer; deste modo é que Jaeger disse que para a sociedade grega “a *tyche* [Fortuna] é onipotente na vida do homem e na da coletividade”³³. É de incerteza que se trata, uma vez que os humanos são apenas um joguete na mão dos deuses, restando de todo inseguros nossos projetos de felicidade:

[a] Moira torna fundamentalmente inseguros todos os esforços humanos, por mais sérios e coerentes que pareçam, e não há previsão que possa evitar essa Moira [...] É totalmente irracional a relação entre o nosso esforço e o nosso êxito. Quem se esforça mais por proceder bem colhe fracassos frequentemente, e a divindade permite a quem começa mal fugir às consequências da sua insanidade. Qualquer ação humana vem acompanhada de riscos³⁴.

A consciência de nossa poetisa quanto à pequenez humana quando comparada à justiça e ao poder de Zeus (Ζεύς) está na origem, como o Bispo de Sevilha sugere, da expressão literária; não parece excessivo lembrar que a criação artística e a ação política, pelo que parece, emergem da mesma contingência em que a vida humana está exposta:

Es interesante registrar que, en una época en que todos tienen por destino último el Hades sombrio [...], ha surgido, para compensar essa perspectiva de aniquilamiento total, la noción de que hay algo en el hombre que puede triunfar del tiempo:

³³ JAEGER, Werner W. *Paideia*, cit., p. 916. A passagem aqui comentada pelo autor alemão é *Leis*, 709-710, onde aparece estabelecida uma verdadeira hierarquia no governo de todas as coisas humanas, inclusive as da Cidade: primeiro vem o “deus”, depois a *Tyche/Kairos* e somente por último é que vem a *techne*, como empresa humana que controla os tormentos da vida com a colaboração da Sorte.

³⁴ JAEGER, Werner W. *Paideia*, cit., p. 126.

la gloria de morir luchando por la patria [...] o la de cantar o ser cantado en verso [...]. Ésta es, finalmente, una forma de inmortalidad, la que consiste en no caer en el olvido permaneciendo en la memoria de los hombres³⁵.

O recurso à poesia, como Sapho nos dá um precioso testemunho, salva o poeta da humilhação do Destino, que no fundo é a certeza da morte e o conseqüente esquecimento de quem um dia nós fomos:

Quando morreres, hás-de fazer sem que haja no futuro
memória de ti nem saudade. É que não tiveste parte
nas rosas de Piéria. Invisível, andarás a esvoaçar
no Hades, entre os mortos impotentes³⁶.

O fragmento acima é apontado por Pereira como prova de que nossa poetisa, cultuada pelos cidadãos de Ilhéus, foi na verdade a responsável pela tomada de consciência do valor da criação literária³⁷; o próprio testemunho de vida, como a expressa proibição à filha de chorar sua morte, constitui para Lesky uma atitude coerente com a convicção de que a poesia prolonga a existência do autor³⁸. Mais ainda, pelo testemunho indireto que recebemos de Aristóteles, sabemos o tanto que Sapho estava embebida do valor que tem a vida: ela “diz que morrer é um mal ‘pois assim o creem os deuses; de contrário, morreriam eles’”³⁹.

³⁵ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Fragilidad y poder del hombre em la poesia griega arcaica*, cit., p. 318.

³⁶ SAFO. *Frg. 55 Lobel-Page*, cit., p. 115.

³⁷ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da cultura clássica: cultura grega*, cit., p. 205.

³⁸ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 173.

³⁹ ARISTÓTELES. *Retórica*, cit., 1398b.

Talvez ao modo de uma resposta, face a uma questão nunca superada que é a de saber se essa consciência da fragilidade de nossas vidas levaria à resignação do agente moral, possamos ouvir Kitto quando diz que não há na poesia grega nenhum desprezo pela vida⁴⁰; de acordo com aquele helenista, o que temos ali é apenas um aviso desconcertante de que cada um tem por Sorte uma parte na distribuição dos bens pela justiça do cosmo, cabendo-nos perseguir esse quinhão, ainda que essa busca, por vezes, custe ao herói muita lágrima e por vezes o próprio aniquilamento. Nada mais esclarecedor que o testemunho de Homero, cantando a escolha que Aquiles teve de fazer, quando desafiado pela mãe: diante da advertência da deusa Tétis, preferiu seguir com os companheiros para Troia, mesmo sabendo que a morte o esperava do lado de dentro da fortaleza de Príamo⁴¹; ele sabia que essa glória (κλέος, *kléos*) levaria o seu nome para os confins do tempo e do mundo, ao passo que voltar para sua terra lhe proporcionaria uma vida longa, mas o preço era o esquecimento a partir do momento que fosse lançado no Hades sombrio; sua vontade de viver pode ser compreendida na forma mais lograda numa tragicomédia tardia, de Luciano: ali, o jovem filho de Peleu afirma preferir a condição de assalariado, mas vivo, que a de um senhor, reinando entre os mortos⁴².

⁴⁰ KITTO, H. D. F. *Os gregos*. Tradução José Manuel Coutinho e Castro. 3. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1990, p. 103.

⁴¹ HOMERO. *Iliada de Homero*. Tradução Haroldo de Campos. 4. ed. São Paulo: Arx, 2003, v. I, canto IX, 410-416.

⁴² LUCIANO. *Diálogo dos mortos*. Tradução Américo da Costa Ramalho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, XV.

4 A sociedade lésbica e o papel social da poesia

Os classicistas discutiram, durante um bom tempo, se Sapho presidiu ou não uma academia feminina; isto é de todo contestável como disse Pereira⁴³, o que não diminui, entretanto, o valor de sua obra: de acordo com a autora portuguesa, existem evidências de um círculo literário, do qual a poetisa era uma figura proeminente, tendo composto junto a ele importantes poemas, especialmente quando havia um acontecimento importante; de origem aristocrática⁴⁴, sua obra pode ser considerada, no dizer de Lesky, a face feminina dos valores cultuados por sua classe social:

Ficámos privados de um quadro da sociedade lésbica, mas, à partida, podemos supor que à sociedade fechada da aristocracia masculina das lutas e dos banquetes corresponderia, entre as mulheres, o desejo de uniões que conseguissem impedir que enlanguescessem o espírito nesse mundo. Os poemas de Sapho confirmam-no e, apesar da exiguidade dos testemunhos, apresentam alguns traços específicos de grande valor⁴⁵.

A liderança de Sapho parece igualmente comprovada, existindo registros, inclusive, de discípulas da poetisa⁴⁶; alguns poemas que chegaram até nós denunciam até uma certa rivalidade, como mostra Fontes em comentários de tradução, entre a nossa homenageada e outras mulheres no ensino da dança e composição, especialmente com Gorghó e Andromeda, a primeira ridicularizada no poema abaixo:

⁴³ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Fragilidad y poder del hombre em la poesia griega arcaica*, cit., p. 204.

⁴⁴ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 165.

⁴⁵ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 172.

⁴⁶ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 173.

quem é a camponesa que te enfeitiça a cabeça
vestida com roupa de camponesa,
não sabendo nem ajustar o vestido
acima dos tornozelos? [⁴⁷

Isto mostra que Sapho estava mergulhada nos problemas de sua terra, discutindo os projetos de felicidade das mulheres do seu círculo social, daí que as contradições sociais de Lesbos não foram ocultadas de seus versos; o artista grego não deixa de ser um profissional, como disse Pereira, sujeito à concorrência, como qualquer outro e em qualquer lugar⁴⁸; por isto que Hesíodo disse que

O oleiro é émulo do oleiro, o artesão do artesão;
e o pobre inveja o pobre e o aedo o aedo⁴⁹.

O *corpus* sáfico nos é assim apresentado como uma obra secular, mas parece possível dizer que as cerimônias onde tinha lugar o culto aos deuses da cidade, constituíram momentos epifânicos nos trabalhos da comunidade lésbica⁵⁰; numa sociedade impregnada do sentimento religioso como aquela da Grécia arcaica⁵¹, estranho seria se tais valores não estivessem refletidos na poesia de qualquer autor comprometido socialmente, muito menos por Sapho a quem se predica a virtude de converter, para a linguagem elaborada, sentimentos difusos na poesia popular:

⁴⁷ SAFO DE LESBOS. *Poemas e fragmentos*, cit., p. 111.

⁴⁸ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. O estatuto social dos artistas gregos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, nº 47, 1997, p. 33.

⁴⁹ HESÍODO. Trabalhos e dias. In: HESÍODO. *Teogonia e Trabalhos e dias*. Tradução José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, 25-26.

⁵⁰ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 173.

⁵¹ JAEGER, Werner W, cit., p. 67 e segs.

Nos *Epitalâmios* de Safo, vemos como a poesia popular tradicional é captada em toda a sua frescura e espontaneidade, por uma grande poetisa que, no âmbito da sua arte, a modela em composições que alcançam uma forma perfeita, sem perderem o encanto daquilo que surgiu do povo⁵².

As próprias lutas intestinas pelo poder em Lesbos influenciaram sua produção, sendo certo que os especialistas atribuem ao seu exílio durante algum tempo, na Sicília, a intrigas dessa natureza⁵³. Parece que os artistas, de acordo com as pesquisas realizadas por Aristóteles nas cidades gregas⁵⁴, no que toca ao exercício da cidadania não eram levados muito a sério; todavia, socialmente desfrutavam de grande prestígio, vendo seus nomes associados com frequência à glória, ambicionada por qualquer pessoa que se preze⁵⁵; no discurso de Cícero em defesa de Árquias, um poeta grego acusado de falsificar documentos para obter a cobiçada cidadania romana, pode-se ver que um dos argumentos utilizados pela defesa exitosa no tribunal foi o de que a expulsão de uma pessoa cobiçada como cidadão em toda Grécia, Itália e África, seria uma estupidez imperdoável⁵⁶.

⁵² LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 168.

⁵³ Sobre esta questão, ver interessantes comentários a um poema deveras corrompido, mas indicativo dos lamentos da poetisa, talvez em razão de algum embargo comercial, por não poder adquirir, para a filha Cleis, um ornamento para os cabelos e considerado elegante à época, em RAGUSA, Giuliana. *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013, p. 122 e segs.; ver também LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 165 e segs.

⁵⁴ ARISTÓTELES. *Política*. Tradução Julian Marias y Maria Araújo. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1951, 1277b, 1328b, 1329a.

⁵⁵ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. O estatuto social dos artistas gregos, cit., p. 26 e segs.

⁵⁶ CÍCERO. *Em defesa do poeta Árquias*. Tradução Maria Isabel Rebelo Gonçalves. 3. ed. Mem Martins: Inquérito, 1999, III e IV.

Como se sabe, muitos poetas se tornaram hóspedes frequentes das cortes, a exemplo do que Aristóteles disse sobre a contratação de Anacreonte e Simônides por Hiparco⁵⁷, neste caso para um propósito nobre do monarca: democratizar o conhecimento com os seus súditos⁵⁸. Mas terá sido o próprio Simônides, como disse Pereira, “o primeiro a introduzir a avidez nos seus cantos e a compô-los por dinheiro”⁵⁹: sua saudação às mulas, num conhecido verso que Aristóteles cita (mesmo fora do contexto de uma discussão moral), teria sido composto depois de uma recusa anterior sob a justificativa de não ficar bem louvar animais inferiores (mesmo que premiados num torneio), mas que diante da promessa de uma melhor recompensa financeira, deixou de lado tal preceito⁶⁰.

Não sabemos se este caso especificamente tenha contribuído para o ataque tão violento desferido por Platão contra os poetas, mas coaduna, perfeitamente, com os comentários depreciativos do filósofo grego contra a *paideia* que ofereciam. Mas o próprio Aristóteles, recorrendo aos exemplos de Fídias e Policleto, escultores exímios, via neles um exemplo bem-acabado da virtude da sabedoria⁶¹. Mesmo a intensa difamação dos artistas, seja por um filósofo como Platão, seja ainda por um comediante como Aristófanes, não foram suficientes para diminuir sua estima social:

⁵⁷ ARISTÓTELES. *Constituição dos Atenienses*. Tradução Delfim Ferreira Leão. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, 18.1.

⁵⁸ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. O estatuto social dos artistas gregos, cit., p. 34 e seg.

⁵⁹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. O estatuto social dos artistas gregos, cit., p. 36.

⁶⁰ O verso, na tradução e comentários de Pereira (PEREIRA, Maria Helena da Rocha. O estatuto social dos artistas gregos, cit., p. 36), diz rigorosamente: “Salve, ó filhas de éguas de pés velozes”.

⁶¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Tradução Maria Araujo y Julian Marias. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1970, 1141a.

Poderiam encontrar-se muitos outros exemplos que demonstram suficientemente que os artistas gozavam de elevada consideração na sociedade grega e que a distinção entre o homem e a obra em alguns autores antigos é um preconceito que não era universalmente partilhado. Porque uma obra de arte era sempre inspirada por um deus – como disse Pausânias 2.4.5⁶².

Esta é, aliás, a opinião de Homero, quando canta a súplica do *aedo* a Ulisses para que não o degole, sob pena de atrair, para si, a maldição do deus que inspira o artista⁶³; nada mais espontâneo, no contexto social da poetisa, que invocar uma divindade mítica para cobrir de beleza sua criação, pois como talharia Hesíodo na sua genealogia do mundo, ela nada mais é que “o dom sagrado das Musas aos homens”⁶⁴. Este arrebatamento, aliás, é o motivo pelo qual Platão disse que o poeta Íon não tinha nada a ensinar para os jovens atenienses que aspiravam a vida pública⁶⁵; mas pelo que parece, a doutrina platônica não foi suficiente para apagar o contributo dos poetas na construção do imaginário da justiça entre os gregos. Isto veremos no último passo deste estudo.

⁶² PEREIRA, Maria Helena da Rocha. O estatuto social dos artistas gregos, cit., p. 31.

⁶³ HOMERO. *Odisseia*. Tradução Frederico Lourenço. 16. Impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 343-349.

⁶⁴ HESÍODO. Teogonia. In: HESÍODO. *Teogonia e Trabalhos e dias*. Tradução Ana Elias Pinheiro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, 93.

⁶⁵ PLATON. Ion. In: PLATON. *Œuvres*. Tradução Louis Méridier. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1964, tome V, 1^{re} partie, 531a-534.

5 Os poetas, mensageiros da justiça de Zeus

Como é de todo sabido, numa sociedade como a da Grécia “o culto do Belo se encontrava estreitamente ligado a todos os grandes valores de que ela se alimentava”⁶⁶; o *continuum* entre o verdadeiro, o uno, o belo e o justo em Platão⁶⁷ é a prova mais contundente que chegou até nós, sendo certo ainda que tais questões não escapam à lírica de Sapho:

é belo, na duração de um olhar, o belo;
o valoroso para sempre há de ser belo⁶⁸.

Já tivemos a oportunidade de apontar a controvérsia sobre a relevância de ouvir os poetas sobre o justo e o injusto; entretanto, mesmo que tenha sido Platão o primeiro no Ocidente a discutir, de maneira rigorosa e sistemática, a possibilidade de um método racional e específico para enfrentar o arbítrio da Fortuna na atividade dos juízes e agentes públicos em geral, os primeiros a denunciarem esse risco foram os poetas⁶⁹.

A poesia sáfica não contém, diretamente, as melhores referências para compreendermos a justiça no mundo arcaico dos gregos; todavia, o universo que lhe inspira é o mesmo que inspirou seus poetas e filósofos, não sendo de estranhar que Aristóteles, ao falar de equidade na deliberação judicial,

⁶⁶ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. O estatuto social dos artistas gregos, cit., p. 24.

⁶⁷ A este respeito, ver REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *Storia della Filosofia*. Milano: 2010, v. 1, p. 322 e segs.

⁶⁸ SAFO DE LESBOS. *Poemas e fragmentos*, cit., p. 107.

⁶⁹ SILVA, Antonio Sá da Silva. Questão trágica e questão jurídica: decisões que declaram e decisões que promovem ‘capacidades’ humanas”, no bicentenario *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 96, 2020, p. 300.

foi em Lesbos que ele encontrou um exemplo insubstituível: a da régua utilizada pelos pedreiros daquela ilha, coerente, mas flexível o bastante para captar a aspereza da realidade com a qual tinham que lidar no exercício de suas funções⁷⁰. O contexto ético-comunitário de Sapho, tanto quanto os de Homero e de Hesíodo, sem dúvida é aquele em que a justiça é uma prerrogativa dos deuses, não desfrutando, portanto, daquela autonomia prático-reflexiva e cultural que tendo início na filosofia prática de Aristóteles, secularizou-se de fato com os juriconsultos romanos e o isolamento que fizeram do direito em relação a outras dimensões da *práxis* como a ética, a política e a economia⁷¹. Disse a propósito Castanheira Neves:

Os gregos não pensaram verdadeiramente o direito na sua diferenciação específica, e não tiveram, justamente por isso, uma palavra para a denotação “direito” – invocaram *Dike*, que cumpre e controla os ditames de *Themis* (as *themistes*) numa alegoria mitológico-filosófica (o *mythos* e *logos* ainda confundidos) que estava longe de pensar o direito e apenas aludia a uma qualquer necessidade (metafísica) regulativa em geral⁷².

Com efeito, os versos homéricos falam de uma lei (Θέμις, *Themis*) que é no fundo um compêndio de grandeza cavaleiresca, da realeza e dos nobres, por sua vez oferecida por Zeus ao monarca, este que por sua vez distribui justiça (Δίκη, *Dike*)

⁷⁰ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, cit., 1137a-1138a.

⁷¹ LINHARES, J. M. A. Jurisprudencialismo: uma resposta possível em tempo(s) de pluralidade e de diferença? In: COELHO, N. M. S.; SILVA, A. S. (org.). *Teoria do direito: direito interrogado hoje – Jurisprudencialismo: uma resposta possível? Estudos em homenagem ao Doutor A. C. Neves*. Salvador: Juspodivm, 2012. p. 155.

⁷² NEVES, António Castanheira. *Digesta: escritos acerca do direito, do pensamento jurídico, da sua metodologia e outros*. Coimbra: Coimbra Editora, 2008, v. 3º, p. 101.

entre os súditos, tanto os que vindicavam-na, como os sobre quem recaía; a poesia hesidióticca, por seu turno, harmoniza, fortalece e otimiza a justiça, algo pouco visto no trabalho de Homero: a compreensão do mundo que vai implícita nos mitos de Prometeu, de Pandora e das Cinco Idades, revela algo mais importante ainda, a saber, a dignidade atribuída a *Dike* e a fé que Hesíodo professa na justiça. É que de acordo com ele *Themis*, segunda esposa de Zeus, nasceram *Dike*, *Eunomia* (Εὐνομία) e *Eirene* (Εἰρήνη)⁷³, sucessivamente as deusas da Justiça, da Boa Ordem e da Paz, as quais, juntas, tinham como missão ordenar o mundo humano, numa luta continuada contra *Eris* (Ερις)⁷⁴, a deusa da Discórdia; em outro lugar essa última deusa aparece com seus poderes limitados por uma outra: Emulação (ζήλος, *Zelos*), a qual embora não tenha sua divindade atestada, denota na cultura grega o sentido de equilíbrio: ela estimula o espírito de superação nos humanos, fazendo com que se mantenham dentro dos limites da justiça⁷⁵, evitando que o agente incorra em soberba (ὕβρις, *hybris*) e que é o vício de não reconhecer sua insignificância e ambicionar ser como os deuses.

O que vai dito, por si mesmo, já nos mostra a grandiosidade do engenho intelectual de Hesíodo no enfrentamento dessa virtude tão cara aos gregos; mas algo que torna particularmente interessante sua criação: o fato de *Dike* converter-se numa divindade independente⁷⁶, sendo certo que ela é a filha de Zeus, que sentada ao seu lado, denuncia o espírito dos humanos que agem injustamente (ἀδικοί ἄνδρες, *adikoi andres*), vê a cidade onde os reis devoradores de presentes atuam

⁷³ HESÍODO. Teogonia, cit., 901-904.

⁷⁴ HESÍODO. Teogonia, cit., 226-229.

⁷⁵ HESÍODO. Trabalhos e dias, cit., 11-26.

⁷⁶ HESÍODO. Trabalhos e dias, cit., 256-285.

e proferem tortas sentenças. Não é irrelevante perceber que em outros lugares⁷⁷, a justiça é exatamente aquilo que torna um humano diferente de um animal, primeiro ao tratar da fábula do falcão e do rouxinol, depois da vida dos peixes, das feras e das aves, à margem da justiça, justamente, porque ignoram essa virtude.

6 Conclusão

Temos assim que concluir de algum modo esta pesquisa que foi bastante estimulante. O que vimos indica o engajamento moral dos poetas na vida social grega, possivelmente, pela própria origem comum entre vida pública e experiência artística. Como disse Santo Isidoro, a propósito do sentimento de pequenez humana diante dos deuses que deu origem à poesia, que esse engenho terminou se institucionalizando na forma de torneios que glorificava os melhores, sendo certo que os vencedores recebiam por prêmio um bode (τράγος, *tragos*)⁷⁸; são de todo conhecidos, numa fase mais remota, os disputadíssimos concursos de poesia ocorridos em diferentes cidades do mundo helênico, tendo por protagonistas os rapsodos, um gênero específico de poetas cujo ofício era recitar um poema composto por outrem⁷⁹.

Vimos que Sapho legou à posteridade uma obra extensa⁸⁰, sendo certo ainda que foi bastante lida na antiguidade, além de que seu nome se encontra gavadado, com frequência, em diferentes

⁷⁷ HESÍODO. *Trabalhos e dias*, cit., 202-212 e 274-280.

⁷⁸ SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías*, cit., livro VIII, capítulo VII, nº 5.

⁷⁹ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *O estatuto social dos artistas gregos*, cit., p. 34 e segs.

⁸⁰ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 168.

textos poéticos e até em moedas da época⁸¹; seus versos são conhecidos pela forte dose de paixão que exalam, mas como também pudemos constatar na pesquisa, estão impregnados de contexto; por esta razão é possível intuir a concepção de justiça no contexto da poetisa, a saber, aquele a mesma se vincula a uma ordem de contínuas exigências, morais, sociais e espirituais. Não se costuma atribuir aos seus versos uma intenção pedagógica⁸², mas no adiantado do tempo, no período mais luminoso do teatro grego, a situação era outra.

Com efeito, as cidades-Estados reconheciam o alto valor moral desta modalidade de criação, de modo que a tragédia grega se converteu num autêntico programa de formação política e religiosa⁸³; não tinha assim a fruição estética do espectador e/ou o proveito econômico do autor como seu principal objetivo, ao contrário, procurava exaltar a grandeza e os valores comunitários da vida grega, desenvolvendo assim um espírito público correspondente. Neste mesmo palco Ésquilo, Sófocles e Eurípides, para falar dos mais premiados, discutiram com acuidade os temas que eram caros à população como escolhas morais, justiça, etc.⁸⁴; é de Ésquilo, como se sabe, a magna obra *Oresteia* e que conta um pouco da saga dos atridas, mas sua principal importância aqui aludida é outra: a de elaborar uma espécie de protótipo do que veio a ser, na polis grega, o rompimento com o ciclo da vingança e a instalação de uma justiça

⁸¹ LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 168.

⁸² LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*, cit., p. 172.

⁸³ JAEGER, Werner W. *Paidéia*, cit., p. 204. Neste sentido da vinculação da poesia a uma específica compreensão de bem, ver também NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade*, cit., p. 15.

⁸⁴ NUSSBAUM, Martha C. *A fragilidade da bondade*, cit., p. XXXI e segs., p. 8 e segs.

funcionalmente transparente⁸⁵, já aparecendo ali elementos do processo judicial, as partes, o advogado e o ministério público.

Pode parecer ridículo atualmente um sistema de justiça com esses pressupostos míticos; todavia, importa saber que se tratou, como disse Castanheira Neves, de uma concepção arcaica do justo e do injusto “em que a humanidade como que se assumia a si própria em cada um”⁸⁶; faltava a esse sistema a dimensão clara da culpa e da responsabilidade, uma vez que se tratava de um sistema em que “o homem respondia pelas transgressões aos deuses tutelares e, portanto, ao *nomos* comunitário, na imputação objectiva da acção violadora, com a sua exemplaridade e os seus efeitos”⁸⁷. A virada iluminista e da qual hoje somos herdeiros, com a afirmação da autonomia moral humana, a invenção do método jurídico-interpretativo, a dignidade da pessoa humana, etc., mudou definitivamente a concepção de justiça que vigorou no contexto estudado, sem que este continue a nos interpelar sobre questões duradouras como a validade da lei, seu fundamento último, os limites da responsabilidade humana pela falta, dever de cautela, etc.; no limite das escolhas trágicas que esse sistema pressupõe⁸⁸, nunca esteve tão atual sua interpelação, bastando ver o quanto nossas vidas se encontram tomadas pelo mercado de seguros e pelo direito securitário, o que nada mais é do que o reconhecimento de que a autossuficiência humana e a ambição de eliminar o temor do imponderável (Fortuna) foi uma empresa ambiciosa e hoje absolutamente falida.

⁸⁵ SILVA, Antonio Sá da. *Teoria e prática em Direito e Literatura*, cit., p. 311 e segs.

⁸⁶ NEVES, António Castanheira. Pessoa, direito e responsabilidade. *Revista Portuguesa de Ciência Criminal*, Coimbra, p. 9-43, jan./mar. 1996. Ano 6, fasc. 1º, p. 12.

⁸⁷ NEVES, António Castanheira. Pessoa, direito e responsabilidade, cit., p. 11.

⁸⁸ SILVA, Questão trágica e questão jurídica, cit., p. 291-327, *passim*.